

**PERSPECTIVAS DE ESPAÇOS MULTIRREFERENCIAIS DE APRENDIZAGEM
PARA DIFUSÃO DO CONHECIMENTO**

**PERSPECTIVAS SOBRE LOS ESPACIOS DE APRENDIZAJE
MULTIRREFERENCIAL PARA LA DIFUSIÓN DEL CONOCIMIENTO**

**PERSPECTIVES ON MULTI-REFERENTIAL LEARNING SPACES FOR THE
DISSEMINATION OF KNOWLEDGE**

Ana Cleide Santos de Souza - Payayá
Grupo de Pesquisa Educação, Etnicidade e Desenvolvimento Regional
(GEEDR/CNPq/UNEB)
acssouza@uneb.br
ORCID iD <https://orcid.org/0000-0003-3751-2029>

Maria Paula Ávila
Grupo de Pesquisa em Difusão do Conhecimento 3 (GPDC3)
mpaulaavila@yahoo.com.br
ORCID iD <https://orcid.org/000-0003-4659-33260>

Yara da Paixão Ferreira
Grupo de Pesquisa Educação, Etnicidade e Desenvolvimento Regional
(GEEDR/CNPq/UNEB)
yaraferreiraeduca@gmail.com
ORCID iD <https://orcid.org/0009-0000-8051-8800>

RESUMO: Este artigo aborda a perspectiva dos espaços multirreferenciais de aprendizagem com o objetivo de compreender as suas influências na difusão do conhecimento. A translanguagem, o desenvolvimento da arte, da cultura e a Pretagogia funcionam como estratégias de decolonização e de afirmação desses espaços visando proporcionar uma educação engajada e de qualidade. As práticas ortodoxas e epistêmicas insistem em dominar a sociedade a partir de narrativas presentes na política e nas práticas de aprendizagem. A educação precisa ser decolonizada através de dinâmicas nesses espaços multirreferenciais de aprendizagem com diálogos inovadores que irão interfacear os discursos de sala de aula e ambientes de formação. O texto justifica-se pela necessidade de observação nas comunidades que envolvem um coletivo de pessoas com seus saberes e práticas que contribuem para a modelagem, construção e difusão de conhecimento porém encontram-se em condições de vulnerabilidade socioeconômica. Assim, o analista cognitivo as observa empregando uma abordagem metodológica às pesquisas para fundamentar conceitos sobre análise cognitiva, polilógica e multirreferencialidade.

Palavras-Chave: Análise Cognitiva (AnCo), Espaço Multirreferencial de Aprendizagem, Difusão do Conhecimento, Resistência, Decolonização.

RESUMEN: Este artículo aborda la perspectiva de los espacios de aprendizaje multirreferencial con el objetivo de comprender su influencia en la difusión del conocimiento. El translingüismo, el desarrollo del arte y la cultura y la Pretagogía funcionan como estrategias de descolonización y afirmación de estos espacios para ofrecer una educación comprometida y de calidad. Las prácticas ortodoxas y

epistémicas insisten en dominar la sociedad a través de narrativas presentes en la política y en las prácticas de aprendizaje. Es necesario descolonizar la educación a través de dinámicas en estos espacios de aprendizaje multirreferenciales con diálogos innovadores que tiendan puentes entre los discursos del aula y los entornos de formación. El texto se justifica por la necesidad de observación en comunidades que involucren un colectivo de personas con sus saberes y prácticas que contribuyen a la modelación, construcción y diseminación del conocimiento, pero que se encuentran en condiciones de vulnerabilidad socioeconómica. Así, el analista cognitivo las observa utilizando un abordaje metodológico de investigación para apoyar conceptos de análisis cognitivo, polilogía y multirreferencialidad.

Palabras Clave: Análisis Cognitivo (AnCo), Espacio de Aprendizaje Multirreferencial, Difusión del Conocimiento, Resistencia; Decolonización.

ABSTRACT: This article looks at the perspective of multi-referential learning spaces in order to understand their influence on the dissemination of knowledge. Translinguality, the development of art and culture and Pedagogy function as strategies for decolonizing and affirming these spaces in order to provide engaged, quality education. Orthodox and epistemic practices insist on dominating society through narratives present in politics and learning practices. Education needs to be decolonized through dynamics in these multi-referential learning spaces with innovative dialogues that will interface classroom discourses and training environments. The text is justified by the need to observe communities that involve a collective of people with their knowledge and practices that contribute to the shaping, construction and dissemination of knowledge but are in conditions of socio-economic vulnerability. Thus, the cognitive analyst observes them, using a methodological approach to research to support concepts of cognitive analysis, polylogy and multi-referentiality.

Keywords: Cognitive Analysis (AnCo), Multireferential Learning Space, Knowledge Diffusion, Resistance, Decolonization.

1 INTRODUÇÃO

Doravante os processos de construção, transdução e difusão do conhecimento, a análise cognitiva enquanto campo cognitivo multirreferencial, institui-se com o compromisso da produção e socialização de conhecimentos numa perspectiva favorável ao diálogo e interação. Nesse contexto, a academia precisa refletir sobre o potencial dos espaços multirreferenciais de aprendizagem (EMA) como “alternativas de resistência sociocognitivista de pessoas, organizações e grupos que assumem posturas ético-políticas visando a equidade” (Fróes Burnham, 2012, p. 101).

Segundo Fróes Burnham (2012, p. 42), “a possibilidade de socialização do conhecimento entre comunidades diversas, que constroem, organizam e difundem o conhecimento orientadas por sistemas de estruturação diferenciados” é uma das esferas da pesquisa mais significativa da Análise Cognitiva (AnCo), visto que a análise cognitiva perpassa pelos espaços da multirreferencialidade de conhecimentos, especialmente nos espaços a seguir: nos terreiros de candomblé, nas escolas públicas e nas aldeias indígenas. E, que se destacam também como lugar de resistência à segregação sociocognitiva.

Este artigo se constitui em exercício de análise cognitiva e polilógica, o resgate dessa experiência justifica-se pelas temáticas dessas pesquisas e da necessidade de discutir esses espaços multirreferenciais que vão de encontro a AnCo, à práticas e saberes desenvolvidos por essas comunidades e suas relações com políticas de governo.

Pode-se definir a cognição como uma ação efetiva que permite a continuidade da existência do ser vivo em um determinado espaço, ambiente, à medida que ele constrói o mundo e é por ele construído. Assim, “a multirreferencialidade propõe que a análise se dê a partir de múltiplos sistemas de referência - poesia, arte, política, ética, religião, ciência - igualmente significativos, todos irreduzíveis uns aos outros e sem pretensão de síntese, de conhecimento acabado” (Fagundes; Fróes Burnham, 2001, p. 41).

Assim sendo, o espaço de aprendizagem e construção do conhecimento é construído a partir de informações/experiências particulares, que se mostram coletivas revelando essa construção a partir dos autores para a socialização desse conhecimento filosófico, científico, místico, religioso, político e ético. Logo, percebemos a polilógica quando evidenciamos nesse campo de leituras interpretativas de múltiplas lógicas a dinâmica do ser humano na sua existência.

Nesse contexto, o analista cognitivo investiga a diversidade das relações com o conhecimento estabelecendo em uma sociedade relações de diferentes tipos de comunidades em termos de sistemas de produção, acervo, organização e difusão do

conhecimento. O trabalho do analista cognitivo como curador poliético deve ser ambiental, social e cibernético. E a ética precisa estar nas relações de poder.

Justifica-se este estudo, tendo em vista que através desta temática discute-se as possíveis questões relacionadas a estas comunidades como EMA, com questões intencionadas à reflexão de pessoas. A cultura, a linguagem, os costumes, as tradições, expressam formas de representação de conhecimento.

Assim, propõe-se a discussão dessas relações, da identidade e cultura dessas comunidades, através dos saberes e práticas já existentes frente às adaptações e condições impostas pela sociedade. Do ponto de vista acadêmico este artigo torna-se relevante à medida que possibilita o reconhecimento dessas comunidades como EMA. Sobre o aspecto social, repercute-se na identidade e cultura desses grupos, suas influências, pois se provoca nestes espaços e na sociedade reflexões sobre decolonização e reconhecimento da cultura. Do ponto de vista pessoal almeja-se maior engajamento nessa luta de resistência para ajudar os envolvidos com o desenvolvimento de estudos relativos à análise cognitiva e à modelagem do conhecimento.

A metodologia adotada no desenvolvimento deste artigo para desenvolver seus objetivos vale-se da pesquisa exploratória descritiva, analítica, utilizando como procedimentos a pesquisa bibliográfica e que se encontra em desenvolvimento empírico através das pesquisas das autoras. “Uma característica que se destaca nas pesquisas exploratórias é a interpretação dos fenômenos, pois esse tipo de pesquisa visa proporcionar um maior aprimoramento de ideias, familiaridade com o tema proposto, além de tornar o problema mais explícito” (Gil, 2007, p. 23).

Dessa forma, este trabalho propõe-se responder a seguinte pergunta: qual o olhar do analista cognitivo nesses espaços multirreferenciais aqui abordados? As comunidades vulneráveis economicamente com características específicas peculiares que lutam pela sua resistência são também EMA. Assim, pretende-se contextualizar esses espaços multirreferenciais através da observação da translíngua, do desenvolvimento da arte, da cultura e suas estratégias de decolonização para uma educação engajada e de qualidade.

2 A PERSPECTIVA DAS ALDEIAS INDÍGENAS COMO ESPAÇO MULTIRREFERENCIAL DE APRENDIZAGEM (EMA)

Até o advento da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CRFB/88), a lei considerava indígenas “como uma categoria social transitória”, por isso eles eram “tutelados pelo Estado”, na forma do que dispunha o artigo 22 da Lei 6.001/73. Atualmente, os indígenas podem e devem fazer parte de uma nova organização social, “respeitados em suas crenças, costumes, língua e tradições”, art. 231 da CRFB/88. A partir dessa abertura político-jurídica da lei brasileira, observamos um movimento intenso de organização jurídica-administrativa das comunidades indígenas junto às aldeias e espaços, com criação de associações, sociedades, cooperativas individuais ou coletivas, constituindo redes com os mesmos objetivos junto a outros grupos.

Os povos indígenas “vão ocupando os lugares, contradizendo aquela visão de que não tinham conhecimento científico”, que apenas viviam, caçavam, pescavam e de que não serviam ao desenvolvimento (Sousa; Pontes; Galvão, 2007, p. 4). Os povos indígenas estão resgatando sua cultura, são criadores, artistas, músicos, trabalhadores, buscando estudos em áreas de seus interesses nas universidades, nas aldeias, na zona rural e na zona urbana.

Atentando para o entendimento e a consideração das características histórico-culturais de cada comunidade, adota-se o paradigma da cosmodernidade estabelecido por Nicolescu (2008), da complexidade de Morin, Ciurana, Motta (2003) e da polilógica de Galeffi (2002) para abordar o conhecimento através de uma epistemologia complexa, criativa, transdisciplinar, polissêmica, transcultural, transnacional e transpolítica. No campo das ciências humanas, Galeffi (2002) evidencia-nos a necessidade de “leituras interpretativas de múltiplas lógicas para darmos conta da dinâmica dos seres humanos nas suas dimensões existenciais”.

“A identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença” (Silva, 2008, p. 112). Pensando na formação da identidade cultural dos povos indígenas precisa-se lembrar da interação desses povos originários com o colonizador onde ocorre a crescente destruição dos costumes, crenças, valores. A diáspora, os diversos deslocamentos, a perda da territorialidade, desencadeou a

tentativa de apagamento das tradições e na confluência com outros costumes, diálogos, determinando inter-relações e criando novas relações identitárias.

O Brasil abrigava várias indígenas, com diferentes crenças e religiões, todas essas matrizes indígenas carregavam uma profunda ligação com as forças da natureza, ligadas às suas crenças em divindades cultuadas desde os primórdios dessas civilizações, e ainda o fazem. Eles acreditam em deuses e seres mitológicos ligados a elementos da natureza e o território é o espaço físico onde essas divindades se manifestam. A Terra é um elemento central da religião e da identidade cultural indígena. Os povos originários respeitam a natureza, retirando dela somente aquilo que é necessário para a manutenção da vida e a sabedoria dos anciãos.

Segundo Tromboni (2012, p. 98) “as aldeias indígenas através de sua cultura, cânticos, torés, rituais, linguagens, expressam seus conhecimentos”. Os troncos linguísticos no Brasil possuem o maior número de línguas tupi e o macro-jê, apesar de atualmente muitos indígenas falarem o português. Essas perdas linguísticas ou identidades emergentes ocorreram pelo apagamento de sua cultura pelos colonizadores. A representação do conhecimento através da linguagem dos indígenas ocorre pela linguagem verbal, rezas, cânticos, orações, contação de histórias, declamação de discursos, poemas e outros. De acordo com Tromboni (2012, p. 101) “a manifestação cultural mais importante para os indígenas é o toré, aglutinando tradição, música, religiosidade e brincadeira com dança circular ao som de maracás, zabumbas, gaitas e apitos”. A sua linguagem corporal é expressa pela gestualidade, indumentária, pintura corporal e outras artes para representar e transmitir os valores culturais de cada tribo.

Na medicina, o tratamento das doenças e dores são feitos com “remédios do mato”, elaborados com plantas específicas, uso de gordura animal, de enzimas, de banhos e rituais de cura e pajelança, expressão utilizada para traduzir as garrafadas e beberagens. A morte significa uma passagem para um local sagrado, que são as encantarias, as forças sagradas são os espíritos dos ancestrais.

Traz-se aqui o exemplo da aldeia indígena do povo Payayá localizada no povoado de Cabeceira do Rio, município de Utinga, território de identidade baiano da Chapada Diamantina. No século XVI essa etnia predominava nos municípios de Morro do Chapéu, Jacobina, Saúde, Utinga e Tapiramutá. Dentre as suas finalidades, destacam-se a de promover a proteção e a defesa do meio-ambiente, o

desenvolvimento sustentável, a defesa pela vida, pela educação, pesquisa, buscando a sustentabilidade da cultura indígena em seus diversos setores.

O território indígena Payayá, tem reafirmado a sua identidade e a cultura desse povo, tendo a aldeia como um lugar simbólico, cheio de saberes e práticas, novas aprendizagens, com a influência da linguagem própria desse lugar. Compreende-se que no território indígena Payayá, na parte cultural, eles fazem rituais místicos nas aldeias, realizam apresentações culturais e literárias em congressos, universidades e escolas e participam de feiras agroecológicas. As produções artísticas, os seus registros, patrimônios imateriais, se aprofundam nas manifestações culturais na expectativa de afirmar a identidade dessa etnia. Os torés, a literatura e a poesia para o povo Payayá contribuem para a difusão do conhecimento e representam misticismo, espiritualidade, informação e resistência. Percebe-se que o povo indígena possui habilidades artísticas e culturais que contribuem para a construção de um espaço multirreferencial de aprendizagem repleto de conhecimento, vivências que precisam ser compartilhadas e que muito podem contribuir à sociedade trazendo uma nova perspectiva sobre a história desse povo.

"Um dos grandes pecados da escola é ignorar tudo o que a criança alcançou. A escola decreta que não há nada antes dela" (Freire, 2014, p. 53). A translíngua para os indígenas são difundidas pela linguagem verbal, a língua materna, e pela linguagem escrita, ancestral, através de grafismos em cerâmica, utensílios de madeira, cestaria e o desenvolvimento dessa arte funciona como estratégia de decolonização e de afirmação de sua identidade visando uma educação transformadora. As práticas ortodoxas, tradicionais, se fecham à transversalidade e a transdução desse conhecimento. A educação precisa ser decolonizada com dinâmicas nesses EMA desenvolvendo diálogos inovadores que irão compartilhar com os discursos de sala de aula e ambientes de formação.

Na educação brasileira, precisa-se ainda resistir e desconstruir padrões, conceitos e perspectivas impostos aos povos subalternizados durante todos esses anos. "Numa sociedade racista, não basta não ser racista, tem que ser anti-racista" (Angela Davis, 2018). As Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que dispõem do ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana e indígena, destacam a importância da cultura negra e indígena na formação da sociedade brasileira. Os espaços escolares

e de formação precisam aplicar corretamente essas leis para que os indígenas sejam reconhecidos nos espaços multirreferenciais de aprendizagem por expressar seus costumes diferentes dos não-indígenas. Torna-se necessário a implementação de políticas de educação em direitos humanos e reformas para uma gestão democrática da educação.

3 O ESPAÇO MULTIRREFERENCIAL DE APRENDIZAGEM (EMA) EVIDENCIADO NOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ NA CONFIGURAÇÃO DA MEDIAÇÃO DE CONFLITOS

O espaço de culto do candomblé envolve uma multiplicidade de conhecimentos, que vão desde saberes tradicionais transmitidos oralmente até saberes religiosos relacionados às práticas rituais e simbólicas, passando por entendimentos sobre as interações sociais dentro da comunidade e com a sociedade em geral. Esses conhecimentos, frequentemente marginalizados e desconsiderados pela cultura hegemônica, merecem ser reconhecidos e valorizados dentro da Academia, principalmente no campo da análise cognitiva.

A análise cognitiva oferece ferramentas e conceitos úteis para compreender e mapear os diferentes tipos de conhecimento presentes nos terreiros de candomblé. Ela pode ser utilizada para estudar como esses conhecimentos são adquiridos e transmitidos, como as práticas rituais e simbólicas são empregadas para construir e reforçar a identidade da comunidade e como as interações sociais são moldadas por esses saberes. Ao empregar a análise cognitiva nesse contexto, é possível reconhecer a complexidade e a riqueza dos saberes presentes na comunidade.

Fróes Burnham (1997, p. 156) salienta a importância dos espaços multirreferenciais de aprendizagem, onde ocorre o “compartilhamento de experiências e saberes”, permitindo a construção de conhecimentos mais amplos e integrados”. Esse conceito pode ser aplicado aos terreiros de candomblé, onde a transmissão oral dos ensinamentos e rituais pelos mais velhos e experientes da comunidade evidencia a valorização da diversidade de perspectivas e saberes. Além disso, a participação ativa dos sujeitos na construção do conhecimento, como destacado por Fróes Burnham, é fundamental.

Nos terreiros de candomblé, os membros da comunidade religiosa são incentivados a participar ativamente dos rituais, contribuindo com seus próprios

saberes e experiências. Isso fortalece a identidade cultural e espiritual da comunidade, promovendo a resistência contra a opressão, preconceito e a discriminação. O Terreiro de Candomblé São Jorge Filho da Goméia, município de Lauro de Freitas/Ba, por exemplo, é um espaço religioso de matriz africana que representa uma rica fonte de conhecimento ancestral. Fundado em 1948 por Mãe Mirinha de Portão e posteriormente tombado como patrimônio cultural brasileiro. Esse Terreiro preserva e transmite tradições e saberes que são essenciais para a compreensão da cultura afro-brasileira.

No entanto, a importância desses conhecimentos vai além do aspecto cultural e espiritual. Eles também podem contribuir significativamente para a mediação de conflitos. A mediação culturalmente sensível, baseada nos saberes e práticas dos terreiros de candomblé, pode proporcionar uma abordagem mais inclusiva e colaborativa para a resolução de conflitos, levando em consideração as especificidades culturais e as desigualdades sociais, combatendo o racismo e empoderando esse grupo subalternizado.

Nesse sentido, a Pretagogia surge como uma ferramenta importante para a “reeducação do diálogo e a promoção do pertencimento cultural”. (Petit, 2015, p. 78). A Pretagogia, portanto, consiste em um referencial teórico-metodológico que enfatiza a aprendizagem autônoma e a cooperação na construção do conhecimento, além de valorizar a cultura e a diversidade. Ao integrar os saberes e cosmovisões africanas na mediação de conflitos, é possível operar transformações significativas no modelo de mediação atual, tornando-o mais justo e acessível para aqueles que enfrentam discriminação, marginalização e preconceito.

A análise cognitiva e a polilógica emergem como abordagens complementares que podem enriquecer a compreensão dos processos cognitivos e comunicacionais envolvidos na resolução de conflitos. Ao reconhecer e valorizar os saberes afro-brasileiros presentes nos terreiros de candomblé, é possível promover uma abordagem mais inclusiva e colaborativa para a mediação de conflitos, contribuindo assim para uma sociedade mais justa e igualitária.

4 A MODALIDADE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) COMO ESPAÇO MULTIRREFERENCIAL DE APRENDIZAGEM (EMA)

Contextualizando a Educação de Jovens Adultos (EJA) na atualidade temos um cenário totalmente excludente, à medida em que várias escolas estão sendo fechadas na cidade do Salvador e Região Metropolitana no ano corrente de 2023. As escolas públicas que não conseguem atender ao quanto determinado pela CRFB/88, no que tange ao disposto sobre a educação, destacando que é: “dever do Estado e direito de todos” (Art. 205). Logo, os poderes públicos e o sistema escolar não observam as especificidades e atravessamentos relacionados a estes estudantes, os quais são excluídos em diversos contextos: desemprego, violência doméstica, questões afetivas, psicológicas, emocionais dentre outras.

Portanto, este artigo nos possibilita a percepção de que resistir também perpassa pelos campos da multirreferencialidade, da polilógica, da transdisciplinaridade e demais campos inerentes à análise cognitiva, como aliados no processo de aprendizagem e de criticidade desses sujeitos. Sendo assim, uma nova proposta metodológica baseada na multirreferencialidade para o ensino de disciplinas na EJA, principalmente na disciplina de Língua Inglesa, poderá ser grande aliada de forma poli amplificada. Possibilitando, um processo ensino e aprendizagem inovador, saindo da perspectiva pautada somente na gramática e na repetição de vocábulos.

Sendo assim, a EJA se trata de um espaço de multirreferencialidade profícuo, à medida em que é cercado de interlocutores repletos de especificidades, diversidades e experiências. Portanto, a EJA é um campo de conhecimentos múltiplos e de constantes ressignificações e transduções. Logo, a Análise Cognitiva se faz pertinente no campo da pesquisa, ensino e aprendizagem na educação de jovens, adultos e idosos. Pelo seu caráter de conectividade e multirreferencialidade, proposta pela AnCo na concepção de Fróes Burnham quando diz que:

[...] a Análise Cognitiva como um campo de caráter multirreferencial e, portanto, complexo, que se constrói a partir de diferentes sistemas de referência, dentre eles o filosófico, o científico- incluindo aqui sua configuração inter/transdisciplinar – o mí(s) tico, o religioso, o político, o estético, o ético... essa (re)significação encaminha para a (re)criação/(re)instituição de um campo do conhecimento, a partir de visões ético-políticas que trazem para a discussão da inseparabilidade, das “esferas” intra/inter/transsubjetiva (Fróes Burnham, 2005, p. 66).

E é nesse espaço infinito de possibilidades que a educação se faz importante no processo de mudança social, pois de acordo com Freire (2014, p. 33) “não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem”. Pois, somos seres inacabados e em constante mutação. Morin coaduna com as ideias de Freire em relação ao ser inacabado, de ressignificações e reconstruções quando traz a Teoria da Complexidade como possibilidade de conhecimento transdisciplinar, multidisciplinar e polidisciplinar:

[...] de fato, a aspiração à complexidade tende para o conhecimento multidimensional. Não se trata de dar todas as informações sobre um fenômeno estudado, mas de respeitar as suas diversas dimensões; assim, como acabo de dizer, não devemos esquecer que o homem é um ser bio-sociocultural e que os fenômenos sociais são, simultaneamente, econômicos, culturais, psicológicos, etc. Dito isto, o pensamento complexo, não deixando de aspirar à multidimensionalidade, comporta no seu cerne um princípio de incompleto e de incertezas (Morin, 1998, p.138).

Como terceiro espaço de abordagem neste artigo, cumpre destacar a cerca das prerrogativas negativas da grande parte dos alunos que apresentam rejeição e falta de pertencimento em relação à aprendizagem da Língua Inglesa. Iniciamos com aspectos da pesquisa-ação em uma escola pública no município de Camaçari/BA, região metropolitana da cidade de Salvador/BA, com turmas do eixo II ao Eixo V, que equivale ao Ensino Fundamental II, enfatizando que a EJA está inserida na Lei de Diretrizes e Bases (LDB/96) como modalidade da Educação Básica.

A temática do estudo acerca do ensino da Língua Inglesa para as classes da EJA, sem sombra de dúvidas é de extrema importância no campo do ensino e aprendizagem e na vida desses sujeitos. Sendo assim, temos resquícios de uma aprendizagem da Língua Inglesa focada na gramaticalidade e no eurocentrismo, fato que distância e causa ojeriza em muitos dos estudantes em relação à essa aprendizagem. Portanto, é um campo multirreferencial, amplo e frutífero para contribuir para a construção de uma nova metodologia que possa corroborar com uma práxis pedagógica no viés da AnCO e suas multirreferencialidades.

Sabemos que o ensino de uma Língua Estrangeira (LE), principalmente da Língua Inglesa tem sido um capital privativo, visto que o inglês é uma das línguas mais faladas no universo do mundo globalizado. No entanto, percebemos que as

formações, metodologias e práxis de alguns professores das escolas públicas, inclusive na EJA continuam com o foco na gramaticalização e suas regras, sem atentar que toda aprendizagem deve ser importante para a vida individual e coletiva dos sujeitos. O que exige uma metodologia baseada na multirreferencialidade e na difusão desses conhecimentos, pensando inclusive na inserção do educador no universo da pesquisa e da formação continuada.

Moita Lopes (1996, p. 43) através dos seus estudos na área da Linguística Aplicada afirma que “a ausência da prática reflexiva por parte de alguns professores tem feito com que graduandos continuem desinformados sobre a pesquisa em ensino de LE e sem uma postura crítica frente à mesma”, colaborando para a criação de mitos e ideias de superioridade. Considera-se que, nos últimos tempos, o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras vêm sendo delegados aos cursos livres de idiomas, cujo acesso é restrito e que se encaixam nas exigências cada vez maiores do mercado de trabalho e do próprio capitalismo.

Isso nos faz atentar para a importância da Análise Cognitiva e os estudos de natureza multirreferencial e polilógica nos estudos linguísticos, inclusive no campo das Políticas Públicas Linguísticas; no campo curricular do ensino e formação de professores, na área da Língua Inglesa que apresenta inúmeras dificuldades que vão desde à ausência de materiais à negativa e desvalorização dessa aprendizagem, inclusive por discursos negativos de profissionais que atuam em outras disciplinas. É preciso que analisemos que existe a complexidade que Moran nos apresenta, não como possibilidade de dificuldade, mas como possibilidade de construção da aprendizagem de forma colaborativa. Daí a importância de se pensar numa modelagem para o ensino de Língua Inglesa para populares com base na AnCo.

A este respeito, Brauer e Freire (2021) nos apresentam pontos em comum entre Moran (2013), Freire (2016), Moita Lopes (1996), Candau (2012) e outros teóricos, em relação ao estabelecimento de um diálogo epistemológico ao tratar de Linguística Aplicada, campo de estudo das linguagens. Os autores abordam a necessidade da "transdisciplinaridade, articulando a Pedagogia Crítica, a Epistemologia da Complexidade e a Linguística Aplicada". Portanto, pensar o ensino e aprendizagem da Língua Inglesa na EJA na perspectiva da Análise Cognitiva, permite que perpassemos pela teoria epistemológica e sobretudo no pensamento de uma modelagem dialógica e multifacetada.

Sousa, Galeffi e Santos Sousa (2020, p. 191) apresentam a teoria de grafos e a análise social de redes no campo da AnCo, para que seja “instrumento para demonstrar as métricas da complexidade e na complexidade das relações na construção e difusão do conhecimento”. Os autores acima citados, nos fazem refletir em relação às nossas práxis, através de uma concepção dialógica e interativa, transformando o conhecimento científico e cognitivo em conhecimento público, o difundindo. É preciso pensarmos numa aprendizagem colaborativa que legitime saberes vivos e diversos na vida dos sujeitos.

Destarte, a escola deve ser um ambiente de acolhimento, descobertas, criticidade, politização, amorosidade, multi aprendizagens e do bem viver. Entretanto, deve haver a inserção de novos conhecimentos que possam promover o ser e o estar no mundo. E que possibilite a difusão desses conhecimentos para o combate à segregação e a exclusão dos sujeitos populares.

Nessas classes da EJA é que estão grande parte desses excluídos: os periféricos, os negros, os idosos, os desempregados e/ou trabalhadores informais, as mulheres maior parte negras e arrimo de família, e ainda os LGBTQQICAAPF2K+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Questionando, Intersexuais, Curioso, Assexuais, Aliados, Pansexuais, Polisssexuais, Familiares, 2-espíritos e Kink, sigla atualizada em 2024) dentre outros sujeitos, que carregam históricos de atravessamentos como fome, racismo, “idade improdutiva”, dentre outras questões.

Nesse sentido, o desenvolvimento cognitivo perpassa pelo processo referente ao ensino/aprendizagem de uma LE, aqui em questão a LI integrante curricular na EJA. Processamos informações, integramos novos conhecimentos, recebemos estímulos do ambiente, dentre outros aspectos. Ao mesmo tempo somos provocados pela aprendizagem em áreas conectadas e relacionadas aos aspectos psicológicos, afetivos, emocionais, intelectuais, das artes, do espiritual, dentre outros, que também precisam estar conectados ao fazer pedagógico inter/trans/multirreferencial:

[...] Análise Cognitiva a partir de construções e difusão, entende estruturas, processos específicos para a compreensão inter/transdisciplinar e multirreferencial, como produção e socialização de conhecimentos numa perspectiva dialógica e interativa, tornando o conhecimento científico e cognitivo em conhecimento público (Lage; Burnham; Michinel, 2013 p.66).

Isso demonstra que a AnCo faz conexões de redes, dados e conhecimentos diversos e de vários campos da ciência e da vida. Do ser em sua integralidade e na sua relação com a natureza, com o outro e com o planeta. Nessa perspectiva, a AnCo nos apresenta características, proximidades, polifonias e dialogias diversas, conectada a colcha de retalhos multicores destacada por Morin (2013) que conecta com a ideia de Freire (2016) em relação a uma educação excludente, bancária, estática e antidemocrática.

5 RESULTADOS

Ao analisarmos esses três espaços multirreferenciais e suas respectivas temáticas, compreendeu-se que a AnCo é de grande importância no processo da construção e difusão de conhecimentos para o ser humano e a sociedade como um todo. Somos seres uno, mais coletivos, pertencentes à Gaia (mãe Terra). Nesse sentido, devemos agir com alteridade e amorosidade humana. A AnCo nos proporciona uma rede de conexões com campos diversos, inclusive no campo da multirreferencialidade.

Na pesquisa sobre as comunidades indígenas, observou-se que o povo Payayá possui um espaço multirreferencial de aprendizagem a ser compreendido sob a perspectiva do analista cognitivo com ênfase na espiritualidade, na ancestralidade e cultura desse povo originário. Isso pode ser evidenciado através de sua história de retomada e pelos aspectos culturais indígenas compostos de seus torés, poemas, livros e de seus rituais de cura.

Os saberes tradicionais religiosos e sociais presentes no espaço do terreiro de candomblé são de grande importância e riqueza de conhecimentos, ao contrário de tentar apagá-los, ou inviabilizá-los, é fundamental respeitá-los e valorizá-los. O terreiro é local de troca de experiências e saberes ancestrais, construção e difusão de conhecimentos integrados com a participação ativa dos sujeitos e onde os mesmos o fazem através da oralidade, corpo e tradição.

Nesse sentido, a Pretagogia nos desafia a operar transformações na realidade social quando aplicada numa resolução consensual de conflitos que permita o tratamento sobre as questões estruturais como racismo e preconceito religioso enraizadas na sociedade, que se apresenta no corpo chão, no concreto, nos símbolos

e mitos. A oralidade é o grande amálgama para o desenvolvimento da mediação antirracista de conflitos, tendo como protagonistas as mulheres do terreiro que fazem a escuta ativa. O resultado obtido na mediação antirracista comprova o empoderamento para o enfrentamento do legado colonial, e, portanto, ato de resistência.

Em relação ao ensino e aprendizagem da Língua Inglesa na EJA, fica explícito que existem lacunas relativas ao conhecimento, práxis pedagógicas e conteúdos teóricos para aprendizagem do ser na sua diversidade, nos seus conflitos e na criatividade do viver coletivamente. Sabendo que o saber é de todos, para todos, mas que estes saberes precisam ser para “sermos” participativos, amorosos e linguísticos de comunicação e de difusão de relações com os saberes existentes e vivenciados nessas comunidades. Logo, compreender a EJA sobre diferentes perspectivas, espaços e suas limitações, conflitos sob o olhar da AnCo é promover grandes movimentos de resistência.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo provocou reflexões importantes sobre as abordagens já existentes nesses espaços e a sua difusão no mundo acadêmico. A modelagem multirreferencial para aprendizagem nos convida a sermos mais conscientes da nossa diversidade, a acolhermos os conflitos de forma amorosa e participativa, a estimularmos a criatividade e a compartilharmos saberes de maneira respeitosa e empática. Ressaltamos que este artigo advém de pesquisas em construção com resultados parciais que podem ser alterados no futuro.

Essa abordagem propõe uma sociedade mais inclusiva, que abraça a riqueza das diferenças e reconhece a importância do conhecimento coletivo e de práticas de aprendizagem e muitas vezes mais sustentáveis do que as narrativas hegemônicas. A translinguística, o desenvolvimento da arte e da cultura emergem como estratégias essenciais para a decolonização, visando proporcionar uma reeducação que respeite e valorize os diversos saberes e práticas presentes nessas EMAs.

É fundamental reconhecer que as práticas ortodoxas e epistêmicas ainda dominam muitos aspectos da sociedade, desde a política até as práticas de aprendizagem. Essas narrativas hegemônicas tendem a marginalizar e a silenciar

outras formas de conhecimento, perpetuando desigualdades e injustiças. Neste contexto, a educação precisa ser decolonizada por meio de dinâmicas inovadoras nos espaços multirreferenciais de aprendizagem. Isso implica em promover diálogos inclusivos e interculturais, que transcendam as fronteiras tradicionais da sala de aula e dos ambientes de formação.

Concluimos que o debate epistemológico e político é essencial para o profissional nesse contexto, pois permite uma reflexão crítica sobre as estruturas de poder e conhecimento que moldam nossa sociedade. O analista cognitivo, utilizando uma abordagem metodológica apropriada, pode contribuir significativamente para fundamentar conceitos tais como AnCo, polilógica e multirreferencialidade. Reconhecer e valorizar a diversidade de saberes e práticas presentes em espaços multirreferenciais de aprendizagem é fundamental para uma educação verdadeiramente emancipatória e transformadora.

Por fim, agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento (PPDGC/UFBA) por nos oportunizar o estudo e compreensão sobre os espaços multirreferenciais, onde cada um tem a sua fala refletida num todo e é de suma importância para a difusão de conhecimento. Essas vozes precisam ser escutadas, amplificadas por todos e para todos na busca por uma modelagem polidifusiva.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. **Lei Nº 11.645 de 1 de março de 2008**. Altera a Lei Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei Nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro- Brasileira e Indígena". Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 12 jan. 2024.

BRASIL. Presidência da República. **Lei Nº Nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 12 jan. 2024.

BRASIL. Presidência da República. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htmlhttp://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.html. Acesso em: 12 jan. 2024.

BRASIL. Presidência da República. **Lei Nº 6.001 de 19 de dezembro de 1973**. Estatuto do Índio. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6001.htm. Acesso em: 12 jan. 2024.

BRAUER, Karin Claudia Nin; FREIRE, Maximina Maria. Paulo Freire e Edgar Morin: a complementaridade de um diálogo possível. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 60, p. 316-327, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/tLbfvL7nZ5pnWQzvw5dJ58f/?format=pdf>. Acesso em: 12 jan. 2024.

CANDAU, F. M.V. Diferenças Culturais, interculturalidade e educação em Direitos Humanos. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 118, p.235-250, jan.-mar. 2012. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 12 jan. 2024.

DAVIS, A.. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.

FAGUNDES, N.; FRÓES BURNHAM, T.. Transdisciplinaridade, Multirreferencialidade e Currículo. **Revista da Faced**, Salvador, n. 5, p. 39-55, 2001. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/rfaced/article/view/2837/2013>. Acesso em: 22 fev. 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 62. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 51 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FRÓES BURNHAM, T.. **Análise cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem**: currículo, educação à distância e gestão/Difusão do conhecimento. Espaços multirreferenciais de aprendizagem lócus de resistência à segregação sociocognitiva? Salvador: EDUFBA, 2012.

FRÓES, BURNHAM, T.. **Educação para as relações étnico-raciais**: uma proposta de formação continuada. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

FRÓES BURNHAM, T.. Espaços multirreferenciais de aprendizagem: diálogos com o pensamento complexo. *In*: FAZENDA, Ivani (org.). **Dicionário em construção**: interdisciplinaridade. São Paulo: Cortez, 1997.

GALEFFI, D. A.. Delineamentos de uma filosofia do educar polilógica: no caminho de uma ontologia radical. *In*: ENCONTRO DO GT DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO DO NORTE E NORDESTE, UFPE, 2002. **Anais** [...] 2002.

GIL, A. C.. **Como elaborar programas de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LAGE, A. L.; FRÓES BURNHAM, T.; MICHINEL, J. L. Abordagens epistemológicas da cognição: a análise cognitiva na investigação da construção de conhecimento. *In*: BURNHAM, Teresinha Fróes et al. (org.). **Análise cognitiva e espaços multireferenciais de aprendizagem: currículo, educação à distância e gestão/difusão do conhecimento**. Salvador: EDUFBA, 2012.

MOITA LOPES, L. P. da. **Oficina de linguística aplicada: a natureza social e educacional dos processos ensino/aprendizagem de línguas**. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

MORIN, E. **A Via para o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MORIN, E.; CIURANA, E.; MOTTA, R.. **Educar na era planetária**. O pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. São Paulo: Cortez, 2003.

NICOLESCU, B.. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 2008.

PETIT, S. H.. **Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores – contribuições do legado africano para a implementação da Lei no 10.639/03**, Fortaleza: EdUECE, 2015.

SILVA, T.T. da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. (org). Tomaz Tadeu da Silva, Stuart Hall, Kathryn Woodward. Ed. Petrópolis, RJ: VOzes, 2008.

SOUSA, L. S. de.; PONTES, K., E. P.; GALVÃO, P. C. S.. Saberes e Práticas da Saga Indígena Nordestina. *In*: SEMINÁRIO POVOS INDÍGENAS E SUSTENTABILIDADE, 2., 2007. **Anais [...]** Campo Grande: UCDB-CAMPO GRANDE, 2007. Disponível em: <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/Folheto60/FO-CX-60-3905-2008.PDF>. Acesso em: 25 jan. 2024.

SOUSA, C. P. ; GALEFFI, D. A. ; SOUSA, L. S. . Análise cognitiva: sob o prisma instrumental da Teoria dos Grafos e Análise Social de Redes. *In*: Leliana Santos Sousa; Alício Rodrigues Matos; Vangivaldo de Menezes Souza. (org.). **Saberes e práticas**. Métodos multireferenciais de pesquisa. 1. ed. Curitiba: CRV, 2020. v. 4.

TROMBONI, M.. A Jurema das ramas até o tronco: ensaio sobre algumas categorias de classificação religiosa. *In*: CARVALHO, M.R.; CARVALHO, A.M. (org.). **Índios e caboclos: a história recontada**. Salvador: EDUFBA, 2012.